

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Quinze anos de muitos erros

A Fundação Educar herda de seu antecessor, o Movimento Brasileiro de Alfabetização, uma fantástica organização de massa: o órgão já nasce instalado em 4.177 dos 4.121 municípios brasileiros, recorde batido apenas pelas agências do Correio. Além de 3.300 funcionários que coordenam o trabalho de 125 mil monitores voluntários, parte dos quais deverá ser substituída por estudantes e membros de entidades diversas. Herda, também, um dos mais retumbantes fracassos da história do ensino em massa do País.

Quando o então presidente Médici criou o Mobral, em 1970, ele não teve dúvidas em anunciar que, com o novo órgão, em dez anos o analfabetismo estaria erradicado no Brasil. O País

possuía, então, 18,2 milhões de analfabetos absolutos acima dos 15 anos. De lá para cá, 40 milhões de pessoas passaram pelos bancos do Mobral, sendo que 15 milhões receberam seus diplomas — mas somente 1,5 milhão destes podem ser considerados realmente alfabetizados, porque continuaram estudando depois. O Brasil possui hoje 20 milhões de analfabetos absolutos e 30 milhões de alfabetizados que só sabem assinar o nome.

Uma das principais razões do fracasso do Mobral foi a inadaptação do seu produto à sociedade em que vive. Com a maioria dos alunos recrutados na zona rural, o órgão viu seus formandos não terem o que fazer com os ensinamentos, uma vez devolvidos ao campo.

A gigantesca máquina do Mobral também invadiu outras áreas de atuação. Participou de campanhas nacionais de vacinação e de programas de colocação de empregos. Alguns técnicos do Mobral chegaram a enveredar pelo artesanato, pela criação de pré-escolas e até pelo ensino profissionalizante.

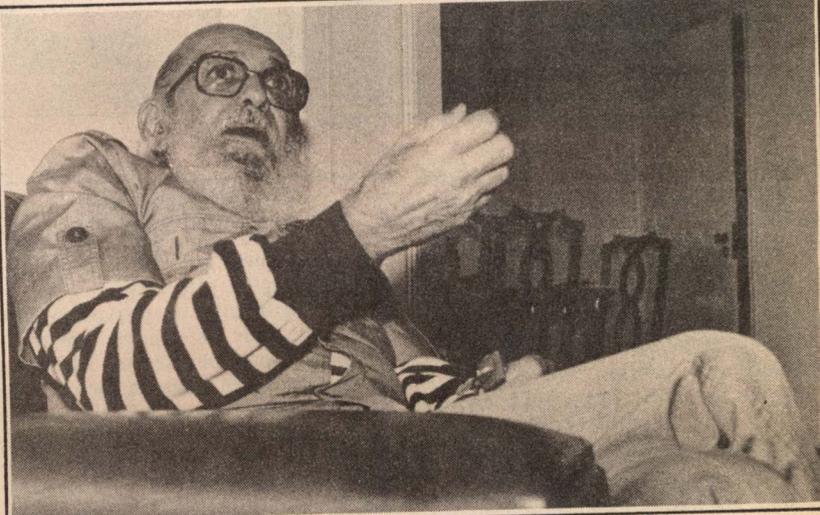
A Fundação Educar ainda herda a fama que o Mobral adquiriu de ser um órgão manipulador de dados, o que o censo de 1980 ensinou e acabou sendo confirmado depois. O órgão incluía, nas estatísticas dos alfabetizados, alunos semi-analfabetos. Um balanço lamentável para uma entidade que, em quinze anos de funcionamento, gastou Cr\$ 3 trilhões, cerca de Cr\$ 200 bilhões por ano. (A.M.)

Paulo Freire, em compasso de espera

Maria Tereza de Souza

No decreto que extinguiu o Mobral e implantou a Fundação Educar, agora responsável pela alfabetização de adolescentes e adultos no País, o pedagogo Paulo Freire identifica pelo menos dois aspectos que estão mais próximos de seu próprio método: a regionalização do ensino e a ampliação do conceito de alfabetizar, que passa a significar não somente a capacidade de ler e escrever, mas a compreensão crítica da realidade em que o aluno está inserido. "A eficiência do novo órgão dependerá da decisão política e da competência dos seus dirigentes. Tive contatos com equipes técnicas do Mobral, hoje na Educar, e a minha impressão foi boa, o que não significa que todos eles coincidam com as minhas idéias" - acrescenta.

Autor de *A Pedagogia do Oprimido*, livro que propõe mudanças radicais no método de alfabetização de adolescentes e adultos, Paulo Freire esteve exilado após o golpe de 1964 e durante o período de criação do Mobral, em 1970, razão pela qual não se sente em condições de fazer uma análise "de um órgão que não acompanhou". "O Mobral antigo nasceu do Governo militar. É claro que há diferença substantivas em relação à atual Fundação Educar" - admite. "Embora a perspectiva da Nova República seja conservadora, não dá para deixar de reconhecer que, hoje, há muito mais possibilidades de encaminhamento da educação brasileira no sentido de inte-



Paulo Freire: "Minhas idéias são mais facilmente incorporáveis agora."

resses populares. Assim, as idéias que eu defendia são muito mais facilmente incorporáveis agora."

Nestas mudanças empreendidas pelo MEC, Freire não chegou a ser consultado e, mesmo diante da constatação de que seu método já foi aplicado com sucesso em outros países, diz que "o fato de ser um educador não determina que seja ouvido".

Se essas alterações vão ou não significar a erradicação do analfabetismo do Brasil a curto prazo, é uma questão que remete o pedagogo às conclusões da Assembleia Mundial da Unesco - Associação das Nações Unidas para a Educação - realizada em 1975, no Irã. A existência de um processo de trans-

formação radical da sociedade foi reconhecida pelos participantes como uma das condições para o êxito de uma campanha de alfabetização. "Quando as grandes massas não estão inseridas num vasto processo político de mudança, as campanhas sempre capengam" - explica o pedagogo. Ele acrescenta que "o Governo conservador da Nova República não reúne essas condições", mas não vê nisso um empecilho para o trabalho da Educar: "Numa sociedade onde o povo tem a História nas mãos não é difícil fazê-lo pegar a palavra. Num País como o nosso, porém, o início de uma campanha de alfabetização pode ajudá-lo a apanhar a História na mão."